

A Vigilância nas Plataformas como Efeito da Cultura do Cancelamento¹

Suély ZONTA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Considerado por alguns como “linchamento online”, a Cultura do Cancelamento vai além de, simplesmente, deixar de seguir uma empresa, marca, personalidades ou artistas. Tem ganhado força na sociedade, como consequência, passou a interferir e fortalecer a polarização com a diminuição da possibilidade de discursos contraditórios. Evidenciado pela avanço das plataformas online, tem nos algoritmos a ferramenta para entregas de conteúdos específicos criando bolhas, por vezes, intolerantes. Além do cancelamento entre indivíduos, também existe a exclusão por parte das plataformas. As regras e condutas das plataformas como Facebook e Instagram não são tão claras com relação ao que excluem ou não e divulgam ou não. Da mesma forma que banem políticos como Trump e Bolsonaro por disseminação de *Fake News*, também apagam postagens com conteúdos informativos com a alegação de não cumprir a regra de utilização das plataformas.

PALAVRAS-CHAVE: cancelamento; plataformas; rede social; algoritmo.

INTRODUÇÃO

A Cultura do Cancelamento não é um fenômeno novo, pode-se dizer que, apenas, começou ser tipificado, melhor tratado e definido recentemente. Passou a ser um termo mundial, mas a sua forma de atuação é histórica, mesmo sem a nomenclatura adotada nos dias atuais. Sai do convívio restrito pessoal para as redes sociais, com isso tem a sua dinâmica alterada e passa ganhar novas proporções.

Banir, excluir, deixar de seguir, são reflexos dessa nova concepção de cancelar. Na origem aparece como movimento social contra o racismo, depois passa a integrar a luta feminista. Era braços dos movimentos, dos fenômenos sociais e culturais. Com a disseminação das redes sociais e o avanço da extrema direita, ganha um viés polarizado,

¹ Trabalho apresentado na DT6 - Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Mestranda do Curso de Comunicação do PPGCom da UFJF, email: suzonta@gmail.com.

impossibilitando conversa e contradições sobre assuntos diversos, principalmente, político.

O que deveria funcionar como punição, ou silenciamento, ganha novas formas com a expansão de outras plataformas e o desenvolvimento contínuo da disseminação de desinformação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Não é de hoje que o termo cancelar tem ganhado as rodas de conversas e passado a ser ação efetiva nas vidas online e offline das pessoas. Antes considerado apenas um verbo utilizado para explicar a ação de “anular, tornar sem efeito (um compromisso); invalidar”, definição expressa pelo Dicionário Escolar Brasileiro (2008, p.257), um objeto, passou a ser sinônimo de banimento social e tecnológico. De tão presente na realidade atual, o termo “Cultura do Cancelamento” foi eleito pelo Dicionário Macquarie como a expressão que melhor representava o ano de 2019 (ALVES. 2019).

De acordo com Burgos e Díaz (2021) o termo cancelamento é apresentado na década de 90. Sua primeira aparição aconteceu em 1991, no filme “New Jack City - A Gangue Brutal”, na fala de um dos personagens: “Cancela essa puta e me compra outra”. Ainda, de acordo com os autores, a massificação do termo é atribuída ao movimento “Black Twitter”, iniciado em 2010, para denunciar casos de discriminação racial.

Em 2014 o termo voltou à tona em programas de reality show como no “love and hip-hop: New York”, com a utilização do termo: “você está cancelada” para dizer que uma das participantes teria sido eliminada da edição do programa. O movimento #MeToo, surgido em 2017, também figurou no histórico de utilização do termo cancelamento em suas denúncias de violência física, psicológica e sexual.

Se, por um lado, o cancelamento surge para repudiar atitudes racistas, machistas, homofóbicas e outros costumes tóxicos encontrados na sociedade, por outro, tem proporcionando a ideia de impossibilidade de erro, com a idealização de pessoas perfeitas. Dessa forma, nessa nova vertente de cancelamento, as plataformas passam a exercer uma importante função na interação simbólica. Como destacado por BLUMER (1977) impacta no cotidiano devido a ação social estar nas atuações dos indivíduos, ajustadas as linhas de ação devido ao processo da interpretação.

Com a popularização do termo cancelamento, normalmente, os estudos nessa área são baseados na interação pessoa x pessoa. Analisam o massacre e o linchamento virtual e suas consequências. Estudam casos de pessoas específicas bloqueadas, expulsas, desmerecidas por outros, simplesmente, por discordarem de seu posicionamento ou atitude. Fazem das plataformas digitais uma espécie de tribunal público.

Entretanto, a reflexão acerca das affordances e algoritmos como ferramentas utilizadas pelas plataformas digitais para indicar as preferências dos usuários e, até mesmo, gerar o cancelamento é um assunto ainda pouco explorado. Estudar as regras de utilização das mídias digitais e os caminhos apontados para entregar ou não o conteúdo a alguém, ou excluir postagens sem grandes justificativas precisa ser melhor analisado.

As plataformas não apenas facilitam a vida online, mas trocam dados entre si para melhor conhecer seus usuários e, assim, oferecer dados mais personalizados de acordo com as preferências. Dessa forma, os vínculos da web deixam de ser meras funções de relacionamento entre pessoas. Estão atrelados a uma lógica de sociabilidade da plataforma, D'ANDREA (2020).

Da mesma maneira que os mecanismos de algoritmos agrupam pessoas com afinidades, entregam conteúdos específicos para atender o gosto definido, reduz o acesso a ideias contraditórias e pensamentos diversos. Priva os indivíduos de uma visão ampla dos assuntos do mundo e intensifica a polarização e os discursos de ódio. Passa ser mais fácil cancelar o controverso do que escutar e buscar relevância no pensamento contrário.

Na primeira análise, as razões para um conteúdo ser banido na plataforma e, na segunda, como a repercussão causada pode evidenciar, ou não, um assunto. Assim podem provocar a disseminação de fake News e discursos de ódio ou impedir que uma informação importante seja difundida.

A partir do momento em que as regras impostas pela empresa não são seguidas, o usuário está sujeito a sanção de ter sua conta bloqueada ou, até mesmo, excluída. Essas ações por parte das empresas apontam para como autoridades e a sociedade têm usado as plataformas para a manutenção de discursos de ódio e cooptar mais pessoas para uma linha de pensamento direcional.

ANALISE DOS DADOS

Os ex-presidentes dos Estados Unidos e do Brasil, Trump e Bolsonaro, foram personalidades canceladas por propagação de notícias falsas. No caso de Bolsonaro, em outubro de 2021, sua conta no Youtube foi suspensa³ após, durante uma live, associar, falsamente, os efeitos da vacina contra a covid-19 à suposta infecção por Aids, doença causada pelo HIV. O vídeo com informações falsas também foi retirado do Facebook e do Instagram.

No início de 2021, o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi banido do Twitter e suspenso até 2023 no Facebook e Instagram por incitar discursos de ódios e questionar sem provas o resultado das eleições americanas de 2020. O mesmo motivo provocou a suspensão do seu canal do Youtube em janeiro de 2021.⁴

Como forma de reverter em positivo a repercussão do cancelamento, as autoridades vão para outros espaços questionar o banimento. Ao migram para outras redes sociais, atraem os seguidores da bolha, normalmente, alegando censura e falta de liberdade de expressão. Dessa forma, a desinformação tende a aumentar.

Algumas regras mantidas pelas plataformas são consideradas exageradas e causam discordância e revolta por parte de alguns usuários. Entre eles está a exclusão das postagens no Facebook e no Instagram de links de textos jornalísticos com fotos de crianças Yanomami desnutridas. O conteúdo foi banido com a alegação de não seguir os padrões da comunidade sobre "nudex" e "atividade sexual". Assim, um conteúdo importante e informacional deixa de circular e alcançar mais usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser enxergada como uma lógica de sociabilidade e forma de conhecimento, as plataformas promovem conexões sociais mais rastreáveis e possíveis de serem lidas por toda rede. Nessa nova concepção de cancelamento, a utilização dos ambientes virtuais e a disseminação das plataformas fazem a ponte para a polarização e a entrega de conteúdos específicos para públicos direcionados.

Nessa vertente, pensando no advento da internet e nas relações traçadas pelas plataformas, o comportamento de estar perto de quem pensa e age semelhante é mantido. Criam-se bolhas e, com a ajuda dos algoritmos, apenas conteúdos entendidos como

³ Ver em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/apos-suspensao-de-bolsonaro-no-youtube-conheca-as-regras-para-banimento-de-perfis-nas-redes-sociais-25254292.html>

⁴ Ver em: <https://www.poder360.com.br/midia/como-cada-rede-social-esta-restringindo-trump/>

relevante são distribuídos para o participante da rede. Assim, pensamentos diversos e contraditórios deixam de existir.

Com a vida em bolhas de interesse e a necessidade de ser juiz e prezar pelas atitudes consideradas corretas para o relacionamento em sociedade, a cultura do cancelamento tem se mostrado um risco para o debate saudável. Ao estabelecer o que pode e o que não pode ser dito, promove retrocessos e vai contra a luta progressista para dar voz a todos.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Editora Global. São Paulo: 2008.

ALVES, Soraia. Dicionário Macquarie elege cultura do cancelamento como o termo de 2019. B9, 2019. Disponível em: <https://www.b9.com.br/118160/dicionario-macquarie-elege-cultura-do-cancelamento-como-o-termo-de-2019/>. Acesso em: 30/08/2021.

BLUMER, Herbert. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In.: **Teoria sociológica**. São Paulo, HUCITEC, Ec1. da Universidade de São Paulo, p. 36-40, 1977.

BURGOS, Edixela; DÍAZ, Gustavo Hernández. **La cultura de la cancelación; autoritarismo de las comunidades de usuario?. Comunicación: estudios venezolanos de comunicación**. Venezuela: Centro Gumilla, 2021. p. 143-155.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, Coleção Cibercultura, 2020.